

# ZALINA ROLIM NA IMPRENSA FEMININA OITOCENTISTA

## ZALINA ROLIM IN THE NINETEENTH CENTURY WOMEN'S PRESS

Valnikson Viana de Oliveira  
UFPB

**Resumo:** Este artigo tem como proposta trazer uma leitura da produção literária da autora Zalina Rolim (1867-1961) em colaboração com dois relevantes periódicos produzidos por mulheres, o jornal *A Família* (1888-1897) e a revista *A Mensageira* (1897-1900). Busca identificar e discutir os principais temas presentes em seus escritos destinados ao público feminino. Para isso, contextualizamos a atenção dada às leitoras na imprensa brasileira e o surgimento dos primeiros periódicos nacionais editados por mulheres no século XIX, explorando as relações de alianças formadas entre as escritoras de prestígio na época. Como base de nossa pesquisa, valemo-nos das contribuições teóricas de Duarte (2016), Barbosa (2007) e Sirinelli (2003), além da consulta em fontes primárias, ressaltando a importância do periodismo feminino para a carreira da autora estudada.

**Palavras-chave:** Zalina Rolim. Imprensa feminina. Século XIX.

**Abstract:** *This article aims to bring a reading of the literary production of the author Zalina Rolim (1867-1961) in collaboration with two relevant periodicals produced by women, the newspaper A Família (1888-1897) and the magazine A Mensageira (1897-1900). It seeks to identify and discuss the main themes present in her writings aimed at the female audience. For this purpose, we contextualize the attention given to readers in the Brazilian press and the emergence of the first national periodicals edited by women in the 19th century, exploring the relationships of alliances formed between the prestigious female writers at the time. As a basis for our research, we used the theoretical contributions of Duarte (2016), Barbosa (2007) and Sirinelli (2003), in addition to consulting with primary sources, emphasizing the importance of female journalism for Zalina Rolim's career.*

**Keywords:** *Zalina Rolim. Women's press. 19th century.*

## INTRODUÇÃO

A carreira nas letras e o direito à publicação foram conquistas difíceis e demoradas para as mulheres brasileiras, ainda no século XIX. Elas tiveram de primeiro superar a interdição à fala e à leitura, para depois enfrentar aquela referente à escrita. Excluídas por muito tempo de uma efetiva

participação na sociedade, muitas conseguiram ser alfabetizadas e assumiram um importante papel na formação educacional de crianças. Entretanto, o reconhecimento como sujeitos legítimos do fazer literário chegou com muito esforço, enfrentando o preconceito, a dificuldade de edição e a privação de melhor elaborar a sua obra.

O processo de assegurar o direito de expressão através da palavra escrita às senhoras letradas burguesas se fortaleceu, no país, com a emergência da imprensa destinada exclusivamente a leitoras, através da publicação de periódicos que debatiam questões relevantes à esfera familiar. Em paralelo ao surgimento das publicações assinadas por homens voltadas ao público feminino, tratando de assuntos como moda, afazeres domésticos e culinária, nasciam espaços comandados por mulheres que debatiam questões relevantes à atuação feminina na esfera pública, ao mesmo tempo em que divulgavam o nome e a produção de diversas escritoras.

Nesse sentido, o presente artigo propõe uma leitura da produção literária da autora paulista Zalina Rolim em dois relevantes periódicos produzidos por mulheres em que contribuiu, o jornal *A Família* (1888-1897) e a revista *A Mensageira* (1897-1900), procurando identificar os principais temas presentes em seus escritos destinados ao público feminino. Para tanto, contextualizamos a atenção dada às leitoras na imprensa brasileira e o surgimento dos primeiros periódicos nacionais editados por mulheres no século XIX, explorando, por fim, as relações de alianças formadas pelas escritoras de prestígio na época. A escolha de enfoque nos dois veículos impressos se deu por apresentarem uma contribuição mais duradoura e frequente da autora, em comparação a outros periódicos femininos nos quais ela também escreveu.

Ressaltamos que se preferiu, neste trabalho, atualizar a ortografia da época nas citações dos excertos dos periódicos analisados objetivando uma melhor compreensão de leitura. A transcrição foi consultada em exemplares microfilmados disponíveis no repositório da hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional, demarcando uma melhor aproximação com as fontes primárias.

## **AS MULHERES E A IMPRENSA BRASILEIRA NO SÉCULO XIX**

Contribuir com os periódicos tornou-se algo imprescindível para qualquer escritor no século XIX, fosse homem ou mulher, por proporcionar, além de um considerável abono financeiro, um elo direto com os leitores e maior notoriedade crítica. Se escrever para as grandes folhas significava a chance de o iniciante das letras se tornar conhecido e ter sua produção lida, por outro lado, “provocava tensões”, já que haveria, além do autêntico desejo de fazer arte, “a necessidade de escrever para o grande público que assinava e pagava, com sua assinatura, a todos envolvidos no processo” (FARIAS, 2016, p. 293).

Segundo Barbosa (2007), diversos autores - anônimos ou consagrados - usaram o jornal para fazer circular seus escritos. Mesmo que questionemos a qualidade dessa produção, “não podemos perder de vista esse uso prático dos gêneros literários”, da mesma maneira que não podemos deixar de reconhecer o suporte periódico como um “espaço plural, heterogêneo e fundamental na constituição de uma cultura letrada brasileira” (BARBOSA, 2007, p. 97).

Para Duarte (2016, p. 14), mais do que os livros, “foram os jornais e as revistas os primeiros e principais veículos da produção letrada feminina”. Florescido ao gosto das leitoras, o suporte periódico foi aos poucos abrindo espaço para a atuação das escritoras, na função de colaboradoras esporádicas, redatoras regulares, repórteres, diretoras e/ou fundadoras de veículos impressos. O percurso de publicação das mulheres nasce, dessa forma, com a emergência da imprensa destinada exclusivamente a este público, através do lançamento de jornais e revistas que debatiam questões relevantes ao que fosse convencionalmente ligado ao seu “universo”.

De acordo com Martins (2008, p. 262), a produção impressa das mulheres foi marcada por uma coragem incomum para a época, ainda que veiculada por órgãos à primeira vista “inofensivos à ordem vigente e em princípio reforçando valores femininos secularmente predeterminados pelo viés masculino”. Os periódicos produzidos por autoras surgiram em paralelo à significativa projeção de folhas escritas por homens que reproduziam o seu próprio modelo do que seria ou deveria ser o feminino, com títulos que revelavam a ideologia patriarcal que as dominava: *O Mentor das Brasileiras* (1829-1832), *Manual das Brasileiras* (1830), *O Despertador das Brasileiras* (1830-1831), *O Espelho das Brasileiras* (1831).

De acordo com Muzart (2003) e Duarte (2016), data de 1852 o registro daquele que ficaria conhecido como o fundador da imprensa de mulheres no país, *O jornal das senhoras*, com direção da argentina Joana Paula Manso de Noronha (1819-1875) e, depois, transferido para o comando de Violante Atabalipa Bivar e Velasco (1816-1874). Entretanto, é importante ressaltar que, antes disso, já havia escritoras que contribuía e continuaram contribuindo, com traduções ou produção autoral, sob o disfarce de pseudônimos, para a imprensa de interesse geral até então dominada pela hegemonia masculina, assim como já se notava uma ativa participação feminina nas seções de cartas dos leitores. O uso de pseudônimo era uma grande tendência nos periódicos do Oitocentos (BARBOSA, 2007), mas também há registro de publicações impressas de mulheres que preferiram não esconder sua verdadeira autoria naquela época, como a catarinense Ana Luísa de Azevedo Castro (1823-1869), que assinou com seu próprio nome o romance *D. Narcisa de Villar* (1859).

O periodismo brasileiro feito por mulheres refletia a conjuntura social e cultural de seu tempo, com alguns veículos acompanhando as transformações no tocante à condição feminina e às conquistas de direitos, enquanto outros reiteravam suas fragilidades e delicadezas, além de seu papel social, limitando-se ao tratar de elementos ligados principalmente à família, ao lar e à beleza estética (BUIIONI, 2009). Muitas vezes, acontecia a integração das diferentes inclinações no interior dos órgãos impressos, não sendo difícil, na mesma página, “artigos investidos de tom progressista ficarem próximos de outros com ideias contrárias” (DUARTE, 2016, p. 25).

Por vezes, tal situação acontecia no interior de um mesmo escrito, em que alguma autora reforçava alguma instância de liberdade para, em seguida, negá-la. O mérito dessas publicações estaria justamente na compreensão das representações de uma época, ressaltando a importância da cultura escrita (CHARTIER, 1991). Segundo Paixão (1991, p. 43), tal circunstância possibilitava ainda o detectar do “discurso masculino que se infiltra no inconsciente feminino, de forma subliminar tornando a fala do outro a fala do mesmo”. Também era comum o apoio e o intercâmbio

intelectual entre esses jornais e revistas, que compartilhavam colaboradoras ou reproduziam os mesmos escritos, além de noticiarem ou comentarem entre si os novos números publicados, formando um sistema de apoio.

## O CONTATO DE ZALINA ROLIM COM OUTRAS ESCRITORAS OITOCENTISTAS

Para Louro (2018, p. 478-479), seria ingênuo pensar no espólio das autoras oitocentistas apenas como subjugado ante o período da história em que fora produzido, pois “mesmo nos momentos e nas situações em que mais se pretendeu silenciá-las e submetê-las, elas também foram capazes de engendrar discursos discordantes, construir resistências, subverter comportamentos”. Todavia, fica claro que, mesmo escrevendo e publicando muito, tendo seu talento reconhecido, poucas ou quase nenhuma foram registradas na nossa historiografia literária oficial, com seus nomes e sua produção ficando invisíveis. Muzart (1999), ao avaliar o cânone literário nacional, predominantemente masculino, contesta tal descaso e tal segregação com que a produção das escritoras oitocentistas sempre foi tratada, evidenciando que teve considerável quantidade e eminente qualidade, ainda que permanecesse pouco publicada e reeditada em comparação ao material dos escritores.

A escritora Maria Zalina Rolim (1867-1961), natural de Botucatu, no interior de São Paulo, teve uma participação significativa em diversos veículos da imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro a partir das últimas décadas do século XIX, como *Correio Paulistano* (1854-1963), *A Província de São Paulo* (1875-), *O Álbum* (1893-1895), entre outros. Nascida na elite, ela aproveitou todas as condições favoráveis à sua capacidade criativa, mesmo não confrontando radicalmente os padrões vigentes. O poder aquisitivo da família forneceu o acesso a uma boa formação cultural e a uma alfabetização de qualidade em uma época na qual a ignorância prevalecia sobre a população brasileira, assim como o poder político de seu pai, José Rolim de Oliveira Ayres, que ocupou altos cargos jurídicos, possibilitou-lhe o desenvolvimento social fora do ambiente caseiro. O importante sobrenome e a influente ascendência abriram portas à jovem autora, indicando que pertencia à elite letrada, mesmo domiciliando em regiões afastadas dos grandes centros urbanos, garantindo crédito à sua verve literária.

Ao publicar seu primeiro livro, a coletânea poética *O coração*, em 1893, Rolim garantiu um espaço cativo nos círculos culturais da época. Mais à frente, tornou-se subinspetora do Jardim da Infância, anexo à Escola Normal Caetano de Campos, na capital paulista, ocasionando o início de sua contribuição com traduções, adaptações e produções autorais de pedagogia, ficção e poesia para publicações ligadas ao ensino. A essa altura, já era colaboradora em relevantes impressos de interesse geral e publicações voltadas ao público feminino.

Em 1897, já bem envolvida com as transformações educacionais decorrentes da implantação da Primeira República no país, publicou outro compêndio de versos, *Livro das crianças*, um volume totalmente dedicado ao pequeno leitor. Sua edição de vinte mil exemplares foi promovida pelo

Governo de São Paulo para distribuição em escolas públicas. Todavia, a importância da autora foi obscurecida na historiografia literária oficial em paralelo a outros representantes das letras, mais conhecidos no meio intelectual e que tiveram seus escritos reeditados sucessivas vezes. Além da condição limitada enquanto mulher, este fato pode ser explicado através da forte ligação do nome e da imagem da escritora com as composições morais que serviram como instrumento de aprendizagem até meados do século XX, ofuscando seu fazer literário puramente artístico, voltado a temas que fugiam ao edificante. São justamente as publicações periódicas em que colaborou que revelam um fazer literário melhor desenvolvido, ainda que seguindo certas convenções estéticas e temáticas.

A prática de aproveitar as redes de sociabilidade para divulgar o nome e a produção de mulheres na imprensa periódica, na qual participavam companheiros e amigos de tais autoras, foi muito comum na segunda metade do século XIX e no início do século XX. Nessa conjuntura, tomam importância as associações formadas e mantidas por Rolim com outras escritoras. Tais contatos de amizade e de conhecimento encorajaram, influenciaram e repercutiram a sua produção, principalmente nos periódicos que lhe foram contemporâneos.

Sirinelli (2003, p. 242) destaca o caráter polissêmico da noção de intelectual, que desembocaria em duas acepções: uma ampla e sociocultural, e outra mais estreita, ligada à noção de engajamento. O primeiro conjunto abrangeria os criadores e os mediadores culturais, envolvendo tanto o jornalista, o escritor e o professor, como os estudantes e outras categorias de “receptores” de cultura. Refletindo acerca da sociabilidade dos grupos de intelectuais, o referido autor afirma que estes se organizam em torno de uma sensibilidade em comum, que podia ser de ordem ideológica ou cultural, além de envolverem afinidades difusas, “mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver”, estruturas as quais se convencionou chamar de “redes” (SIRINELLI, 2003, p. 248).

Nesse sentido, a redação dos periódicos, de modo geral, converteu-se em um centro de sociabilidade, estabelecendo laços de interesse entre os diferentes produtores culturais e de conhecimento. Tais veículos impressos, ainda em consonância a Sirinelli (2003, p. 249), proporcionaram uma estrutura ao campo intelectual através de forças antagônicas de adesão ou de exclusão, isto é, pelas amizades que as submetiam, as fidelidades que arrebanhavam e a influências que exerciam ou, por outro lado, pelas posições tomadas, os debates suscitados e as cisões advindas.

Em 1888, Zalina Rolim já aparecia como uma das colaboradoras do jornal carioca *Eco das Damas* (1879-1888), de Amélia Carolina da Silva Couto, folha que defendia e divulgava os interesses das mulheres. Esse veículo foi o primeiro a conectar a produção da jovem escritora a de outras que então se destacavam na imprensa da época: Anália Franco (1853-1819), Ignez Sabino (1853-1911), Emiliana de Moraes, entre outras. A inserção na roda de letradas também envolveu a colaboração para o nascente jornal paulistano *A Família* (1888-1897), dirigido por Josephina Álvares de Azevedo (1851-?). Nesse outro importante periódico de mulheres, Rolim passou a publicar versos e contos ao lado de mais escritoras ilustres, como Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), Júlia Cortines (1868-1948) e a portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921).

Quando apresentada à escritora fluminense Narcisa Amália de Campos (1852-1924), Zalina Rolim dedicou-lhe o soneto “Confissão”, que saiu na primeira página d’*A Província de São Paulo* (atual *O Estado de S. Paulo*), em 17 de maio de 1889, juntamente com uma nota que trazia as impressões da veterana sobre a iniciante. Narcisa Amália se tornou, assim, a primeira autora importante a comentar a produção de Zalina Rolim, elogiando a sua lírica, mas não deixando de ressaltar suas limitações criativas, indicando que a moça produzia versos “empolgados e bem metrificados”, mas destituídos de grandes rompantes imaginativos. Em sua apreciação, a referida escritora ainda inferiu que a outra autora lhe oferecia o sentir do “perfume suave” da juventude: a leitura de sua poesia a invadiria de saudade da pureza ligada aos anos dourados da vida. Em relação ao expressivo soneto a ela oferecido, afirmou: “se não deslumbra com as cintilações majestosas de um colorido soberbo, se não desfere brilhos fulgurantes que nos fascinem, ao menos vibra nos corações emocionáveis pela sua verdade e delicadeza” (CAMPOS, 1889, p. 1).

Assim como Narcisa Amália o fez em São Paulo, a já citada Josephina Álvares de Azevedo ajudou a difundir o nome de Zalina Rolim no contexto fluminense. Em um artigo da seção “Galeria Especial”, no jornal *A Família* (à época em que este foi transferido para a cidade do Rio de Janeiro), publicado em 14 de dezembro de 1889, a autora, sob o pseudônimo Zefa, contou da ocasião em que a jovem, já publicando no referido periódico, havia procurado conhecer a redação, quando esta ainda situava-se em São Paulo. A rápida visita não coincidiu, entretanto, com a presença da diretora do impresso, que estava viajando. Todavia, tendo contato com o talento da moça, ela não deixou de celebrar a sua escrita, indicando a sua produção às leitoras do famigerado veículo impresso, além de elogiar a sua postura: “No que aí fica escrito não vai exagero; como disse, não conheço pessoalmente a poetisa; mas quem como ela tem escrito versos como os que têm sido publicados n’*A Família*, não deixará jamais de produzir entusiasmos como os que a seu respeito manifesto. Zalina Rolim é com efeito uma poetisa inspirada” (AZEVEDO, 1889, p. 4).

Ainda n’*A Família*, a já citada Josephina Álvares de Azevedo e a escritora Maria Clara da Cunha Santos (1866-1911) aproveitaram o instante de publicação de *O coração* (1893) para comentar a produção da amiga colaboradora daquela folha. A primeira, em artigo publicado no dia 21 de janeiro de 1894, na seção “Livros e jornais”, defendeu Zalina Rolim a respeito dos problemas formais de seus versos, alegando que os mais festejados poetas daquela época, lidos e relidos, também apresentavam imperfeições. A seu ver, tal fator não prejudicaria a beleza dominante de toda uma produção. Ela também informou que o volume da colega de redação poderia ser colocado em um patamar de qualidade acima de muitos outros títulos tidos como de primeira ordem. Já em outro artigo publicado em 4 de fevereiro daquele mesmo ano, no mencionado periódico, Maria Clara Cunha Santos afirmou que Zalina Rolim, mesmo principiante nas letras, já se provava uma escritora formada. Oferecendo uma nota mais pessoal, ela informava o motivo de transcrever o poema “Aspirações” ao final de seu registro:

Ouvi-o recitado pela autora em S. Paulo, em casa de Felinto de Almeida, em uma íntima reunião. Todos nós que ouvimos a sua flébil e graciosa voz a recitar

tão bonitos versos ficamos admirados, Lembro-me bem que Julia Lopes, muito encantada com o delicioso soneto que ouvira, riu-se gostosamente quando eu lhe disse que de certo, no céu, os anjos falam somente a linguagem rítmica dos versos, doces, melódiosos, como os que acabamos de ouvir (SANTOS, 1894, p. 3).

A escritora conta da participação de Zalina Rolim em algum sarau organizado na residência do escritor Francisco Filinto de Almeida (1857-1945), marido de Júlia Lopes de Almeida, evidenciando que ela era requisitada em eventos promovidos pela sociedade paulistana. É interessante ressaltar que a relação da autora com outros ilustres letrados e letradas de seu tempo pode ter sim influenciado a boa recepção crítica de sua produção. Todavia, é notável que o contato mais próximo com as outras escritoras favorecia uma maior solidariedade na abordagem das resenhas, tendo em vista a diferença de tratamento que elas ofereciam em contraponto à crítica feita por homens. Anos mais tarde, em 1897, Zalina Rolim passou a contribuir com a revista feminina *A Mensageira* (1897-1900), dirigida por Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944). A autora participou da publicação unindo-se às principais escritoras da época e alargando ainda mais as suas redes de sociabilidade intelectual, visto que àquela altura também já pertencia à classe educadora. Sob o pseudônimo de Perpétua do Valle, a redatora-chefe da mencionada revista registrou suas impressões de leitura do *Livro das crianças* (1897) na edição de 15 de fevereiro de 1898 daquela folha, afirmando que Rolim saiu-se muito bem no trato com o novo público leitor a quem se dirigia, mas que a obra poderia ser apreciada por todas as idades: “Disse alguém que este trabalho ‘destinado às crianças, pode ser lido com prazer pelos adultos’, e afirmou uma verdade. A simplicidade, a correção de linguagem e a delicadeza dos assuntos o tornam sobremodo agradável e atraente” (ALMEIDA, 1898, p. 11).

Voltando-se especialmente às leitoras que acompanhavam aquele periódico, Presciliana Duarte Almeida afirmava que o volume merecia interesse especial das mulheres, por auxiliar no ensino de seus filhos e irmãos, despertando simpatia ao tradicional papel social feminino. Ademais, ela destacou que o livro de Rolim muito se diferia do tom de outros impressos voltados à educação: “Manifestando o grande pendor de seu espírito para as obras didáticas, soube, com muita simplicidade e graça insinuante, introduzir nos seus versos destinados à infância, grande soma de conselhos e verdades, que estamos habituadas a ver em páginas sombrias e carrancudas” (ALMEIDA, 1898, p. 9-10). Naquele mesmo ano, Zalina Rolim apareceu como colaboradora na revista educativa direcionada ao público feminino *Álbum das meninas* (1898-1901), editado pela já mencionada Anália Franco, refletindo a sua crescente influência educacional e a genuinidade de seu fazer literário.

## **ZALINA ROLIM NAS PÁGINAS DE *A FAMÍLIA* E *A MENSAGEIRA***

A crescente participação de Zalina Rolim no periodismo de mulheres foi favorecida a partir do acolhimento e do apoio de outras escritoras de prestígio. Nesse sentido, ela conseguiu ter a sua produção publicada em dois dos maiores veículos femininos de seu tempo: o jornal *A*

*Família* (1888-1897) e a revista *A Mensageira* (1897-1900). A colaboração para tais folhas foi mais frequente e duradoura que em outros periódicos femininos em que também participou. A partir da publicação em tais veículos, tentaremos identificar e discutir o tratamento oferecido pela autora a alguns temas mais próximos de um público específico formado por leitoras. Preferiu-se, em tal apreciação, focar na contribuição exclusiva de Rolim aos dois referidos periódicos, deixando de lado os escritos editados em outros impressos.

Com direção de Josephina Álvares de Azevedo, o periódico *A Família* surgiu em São Paulo, em dezembro de 1888, tendo sua redação posteriormente transferida para o Rio de Janeiro, em maio de 1889. A publicação de tal “Jornal literário dedicado à educação da mãe de família” (subtítulo que acompanhou apenas os primeiros exemplares) seguia uma periodicidade semanal, apresentando oito páginas divididas em três colunas.

A folha *A Família* era vendida por assinatura anual, com preços diferentes para a capital (inicialmente, dez mil réis e, depois, doze mil réis) e o interior do estado (inicialmente, doze mil réis e, posteriormente, quatorze mil réis), com exigência de pagamento adiantado, como apresentado no frontispício. A editora-chefe procurou estender o alcance de colaboração de tal jornal a todo o país, chegando a viajar para as regiões Norte e Nordeste com a finalidade de recrutar outras escritoras a contribuírem com a publicação. No entanto, o jornal também contava com a participação de alguns homens de letras.

Figura 1: Frontispício da primeira edição do jornal *A Família* (1 de dezembro de 1888).



Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Como a maioria dos periódicos da época, havia na folha uma epígrafe que acompanhou todas as edições, uma frase atribuída ao escritor francês Victor Hugo (1802-1885) que denunciava um trabalho ancorado na exaltação da figura feminina: “Veneremos a mulher! Glorifiquemo-la” Santifiquemo-la!”. Todavia, para além do simples enaltecimento ou de uma visão conformista em relação aos padrões sociais da época, como o título sugeria, o periódico frisava a defesa de mudanças em prol de mais direitos para as mulheres, fator anunciado já no editorial de abertura ao primeiro número do impresso:

A consciência universal dorme sobre uma grande iniquidade secular - a escravidão da mulher. Até hoje têm os homens mantido o falso e funesto princípio de nossa inferioridade. Mas nós não somos a eles inferiores porque somos suas semelhantes, embora de sexo diverso. Temos, segundo a nossa natureza, funções especiais, como eles, pela mesma razão, as tem. Mas isso não é razão de inferioridade,

porque essa traz o animal na escala natural de suas aptidões. Portanto, em tudo devemos competir com os homens - no governo da família, como na direção do estado (AZEVEDO, 1888, p. 1-2).

Seguindo o pensamento de que a diferença de gênero não justificaria a interiorização feminina, Josephina Álvares de Azevedo defendia a educação da mulher como ferramenta essencial para a sua emancipação, opinião reproduzida em diversos escritos daquele jornal. Ademais, ela e outras colaboradoras também empregavam um tom combativo em artigos e ensaios, questionando a tutela masculina ancorada na dependência financeira, protestando contra a ausência das mulheres no Ensino Superior e na prática política.

O jornal de Josephina se destaca de seus contemporâneos justamente pela veemência com que defende as ideias e pela argumentação sempre lúcida e coerente. Se os primeiros textos sugeriam uma educação que contribuísse para tornar as mulheres mais conscientes da maternidade e de seus deveres junto ao lar, em pouco tempo seu discurso radicaliza e passa a advogar a causa mais ampla da emancipação (DUARTE, 2016, p. 314).

O periódico ainda abrangia seções voltadas ao entretenimento das leitoras, contendo receitas domésticas, notícias e produções literárias em prosa e verso. Seguindo essa perspectiva, a frequente contribuição de Zalina Rolim para *A Família* abrangeu não apenas poemas, vertente pela qual ficou conhecida, mas também narrativas curtas. A parceria começou com a publicação do soneto “Sombras”, na edição de número 3, lançada em 15 de dezembro de 1888.

### *Sombras*

Se um dia eu te dissesse que a esperança  
Brilha em minh'alma, com fulgor imenso,  
Se tudo eu te dissesse, quanto penso,  
Talvez que me chamasses de criança.

Talvez que com sorriso de ironia  
Zombasses de meus sonhos, duramente  
E teu olhar volvendo tristemente  
Dissesses - Também eu assim dizia...

Mas ah! que esse sorriso desdenhoso  
É mais que duro, triste e desdenhoso  
Por ele vê-se que uma dor intensa,

Faz desse coração, feliz outrora,  
Abismo onde a tristeza crua mora  
Envolta em negro manto de tristeza.  
(ROLIM, 1888c, p. 5)

O poema traz um eu lírico sem indicação de gênero contestador, confrontando um interlocutor que desdenhara ou zombara de sua esperança e de seus sonhos. As duas primeiras estrofes descrevem ações do ser confrontado. Nas duas estrofes seguintes, a voz da composição revela que a figura, a partir de tais atitudes, dissimula a dor imperante em seu coração que, antes, já foi feliz. Ela denuncia que o interlocutor despreza ou caçoa do outro por ser dominado pela tristeza, por estar envolto nas “sombas” do título. O soneto evoca uma provável relação de inveja ou amargura em relação ao passado e à imaturidade a ele associada.

Articulando os versos mencionados ao contexto social da época em que foram produzidos e à especificidade do suporte em que foram publicados, podemos perceber a possível construção de um cenário comum às mulheres que ansiavam a carreira nas letras ou em outros caminhos além dos que eram para elas esperados. É de se destacar o uso da palavra “criança” na primeira estrofe, indicada como uma forma de se referir pejorativamente à figura do eu-lírico. No século XIX, o tratamento de infantilização era comum na apreciação de escritoras (PAIXÃO, 1991). Tal associação à criança reduzia a mulher a um ser dócil, frágil, incapaz e inexperiente, que precisava de proteção e tutela, cerceando a sua capacidade de criação artística em detrimento do gênero a qual pertencia. Tal via de interpretação denuncia a forma menosprezada com que provavelmente Rolim e outras aspirantes da escrita foram encaradas principalmente por homens, mas também por algumas mulheres que reproduziam a dominação do patriarcado sobre a vida e a produção das autoras.

Publicado na edição de número 5 do referido jornal, em 29 de dezembro de 1888, o soneto “Lágrimas benditas” descreve uma figura feminina de semblante agradável e de existência sempre feliz. Apenas na última estrofe há a revelação do único motivo que traria tristeza a tal interlocutora: “Mas, não... espera... eu já te vi chorando... / Era uma tarde... ia-se o sol deitando; / Dava uma esmola essa tua mão tão linda” (ROLIM, 1888a, p. 6). Faz-se claro o pendor virtuoso proposto nos versos, direcionando as leitoras de *A Família* à prática da caridade, reproduzindo uma representação das mulheres daquele tempo.

Chartier (1991, p. 184) define a representação como o modo pelo qual um indivíduo ou grupos de indivíduos constroem um sentido para o mundo que é deles em diferentes lugares e épocas, sendo “instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma imagem capaz de repô-lo em memória e de pintá-lo tal como é”. Não haveria prática ou estrutura discursiva que não fosse produzida por esse processo de significação, que nunca poderia ser caracterizado como neutro, mas permeado de interesses específicos que corresponderiam a estratégias de poder de um agente ou de uma comunidade social, adquirindo, assim, uma feição tanto cultural como política. Entendendo que as representações literárias constituem “encarnações textuais” da cultura que as gera (TELLES, 2018, p. 408), Zalina Rolim, ao tratar do tema da virtude, registrou, em sua composição, uma representação da mulher do final do século XIX associada a um ideal de generosidade e compaixão.

O jornal *A Família* também veiculou escritos em prosa de Zalina Rolim. O conto “Rosita”

saiu editado no exemplar de número 4, de 22 de dezembro de 1888. Na narrativa, nitidamente destinada às leitoras mães, que poderiam lê-lo para os seus filhos, uma menina chamada Rosa, de alegria contagiante, contrariava as amigas ao recusar participar de qualquer brincadeira realizada contra os mais velhos, a quem demonstrava enorme respeito: “Os cabelos brancos eram para Rosita um templo” (ROLIM, 1888b, p. 3). A temática da virtude é novamente trabalhada, dessa vez por meio de uma personagem infantil preocupada com o respeito aos anciãos. Todavia, merece destaque uma passagem em que a protagonista reage à proposta de zangar a sua professora, com a finalidade de não voltar à escola:

- Não - interrompeu Rosa - assim não quero; mamãe ficaria triste, e depois é tão triste não saber ler... Ainda ontem foi em casa a boa Josephina pedir a mamãe para ler uma carta do filho que estava doente na roça e que escrevia-lhe então dando notícias. A pobrezinha chorava que fazia pena... Desde pela manhã que tinha a carta nas mãos sem encontrar quem lhe quisesse ler... Vejam como é triste não saber... (ROLIM, 1888b, p. 4).

Zalina Rolim também repercutia em seu conto o tema da educação, mais precisamente a partir da preocupação com a alfabetização das crianças. Ao colocar o nome da redatora-chefe do periódico ao qual colabora na personagem de uma mulher que não sabe ler e que sofre as consequências por isso, a autora evidencia o poder que a formação intelectual pode trazer às mulheres: caso Josephina soubesse ler, poderia, quem sabe, além de responder à carta do filho, experimentar a escrita literária e até dirigir um jornal. O acesso à escola traria novas possibilidades sociais às meninas de então, possibilitando conhecimentos que as gerações anteriores não tiveram a oportunidade de desfrutar.

Ao final da referida narrativa, o narrador em terceira pessoa justifica o comportamento piedoso da menina Rosa com um motivo pessoal, após esta salvar um idoso das traquinagens de suas companheiras: a relação que ela faz entre as pessoas velhas e a lembrança de seu avô. Tal fator liga a atitude respeitosa da criança com o sentimento de empatia, na medida em que ela possivelmente associa o que o seu parente sentiria ao o que outras figuras longevas sentiriam ao sofrerem alguma travessura.

A temática familiar e seus desdobramentos também foram trabalhados por Zalina Rolim nas páginas de *A Família*. O conto “A avó”, publicado na edição de número 8, de 19 de janeiro de 1889, trazia como protagonista uma anciã não identificada que dividia a sua vida entre as saudades da filha morta e o amor pelo neto órfão. A criação do menino Emílio consolava-lhe a enorme perda, mas o pai da criança tinha outros planos para o seu desenvolvimento:

Era preciso agora despertar-lhe a inteligência; alargar-lhe os horizontes da vida, fazê-lo conhecer o mundo e os homens. Era preciso dar-lhe os conhecimentos que a alma ingênua da boa velhinha não podia proporcionar-lhe. Era preciso dar-lhe um mestre. Era forçoso mandar-lhe para um colégio (ROLIM, 1889, p. 8).

A decisão de encaminhar o pequeno para estudar em algum internato, prática comum ao século XIX, foi recebida com bastante dor pela senhora, que chega a suplicar às imagens de Maria e do Menino Jesus para que velassem e protegessem o neto quando este não estivesse mais ao seu lado. Tal passagem evoca a presença da fé cristã no ambiente doméstico das famílias abastadas daquela época. A figura paterna, à primeira vista inconformada com a partida trágica da companheira na ocasião de nascimento do rebento, vai criando afeição pelo garoto. Entretanto, assumindo uma posição responsável, mantém-se firme na decisão de encaminhá-lo a um colégio. Ao final do conto, aos prantos, a avó supera o sofrimento e se despede do neto na estação ferroviária, aceitando o propósito de sua partida. A situação registrada refletia a importância dada à figura materna na constituição da família, assim como reforçava o papel da figura paterna e a relevância da educação formal para além da realizada no ambiente doméstico.

Dando continuidade ao nosso percurso de estudo, a mineira Presciana Duarte de Almeida iniciou a publicação de *A Mensageira*, a “Revista literária dedicada à mulher brasileira”, em outubro de 1897. O periódico circulou no estado de São Paulo seguindo uma periodicidade inicialmente quinzenal e posteriormente mensal.

Figura 2: Frontispício da primeira edição da revista *A Mensageira* (15 de outubro de 1897).



Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A revista apresentava uma média de vinte páginas divididas em duas colunas e era vendida em exemplares avulsos, ao preço de mil réis, ou através de assinaturas anuais, no valor de doze mil réis, com “pagamento adiantado”, como apresentado no frontispício. Sua redação, localizada à Rua Santa Efigênia, n.57, recebia a colaboração de escritoras brasileiras renomadas na época, apresentando produções exclusivas ou republicando escritos já editados anteriormente em outros veículos. Ademais, o corpo editorial também era composto por alguns homens de letras.

*A Mensageira* tinha um conteúdo diverso, abarcando a poesia, o conto, a crônica de viagem, o ensaio e a crítica literária, além de trazer uma seção que reproduzia comentários feitos por outros periódicos sobre o seu desempenho. A relevância desse periódico destacou-se no conjunto de outras publicações destinadas ao público feminino pelo teor emancipatório, evidente desde o editorial de abertura presente em sua primeira edição:

Ao emprendermos esta publicação, sentimo-nos animadas da mais viva esperança, depositada no espírito progressivo e na benemerência de nossas compatriotas [...] Que a nossa revista seja como o centro para o qual convirja a

inteligência de todas as brasileiras! Que as mais aptas, as de mérito incontestável nos prestem o concurso de suas luzes e enriqueçam as nossas páginas com as suas produções admiráveis e belas; que as que começam a manejar a pena, ensaiando o voo altivo, procurem aqui um ponto de apoio, sem o qual nenhum talento se manifesta [...] (ALMEIDA, 1897, p. 1-2).

Intitulado “Duas palavras”, o escrito assinado pela redatora-chefe informa os objetivos da publicação: iluminar a inteligência das leitoras para além dos simples conselhos de moda e comportamento, das receitas domésticas e das anedotas ressaltando uma condição de inferioridade. Presciliana Duarte de Almeida também ressaltava a proposta de incentivar aquelas que ensaiavam ou sonhavam com uma carreira nas letras. Certamente, consumir a produção escrita de outras mulheres, vozes de várias partes do país que já se faziam ilustres naquele tempo, muito influenciaria as aspirantes à arte da palavra, desenvolvendo o seu senso estético.

*A Mensageira* marcou o fortalecimento do movimento por uma maior autonomia social feminina nos últimos anos do século XIX, principalmente através da defesa da instrução de mulheres, do fomento de seu saber. Tal posicionamento, assim como outros relacionados ao galgar das conquistas femininas, era defendido em artigos especiais dos colaboradores que, por vezes, reconheciam a necessidade de reconfigurar o seu discurso de acordo com as causas ali levantadas, assinalando o suporte periódico como espaço de reflexão e polêmica (DUARTE, 2016).

Zalina Rolim contribuiu de forma relativamente regular com a revista. A colaboração destacava a produção em verso da autora, ainda que também veiculasse a prosa, e começou já na edição inicial daquela folha, com um poema sem título, identificado apenas como um excerto do seu *Livro da saudade*, que nunca chegou a ser editado.

(Do “*Livro da Saudade*”)

Outrora, quando as penas me feriam,  
Na sua voz eu tinha alívio santo,  
Seus afagos dulcíssimos diziam:  
- “Filha, não quero nos teus olhos pranto!”

E eu, esquecendo as mágoas que punham,  
Acreditava nele tanto e tanto  
Que as tristezas e lágrimas fugiam,  
Do seu consolo ao poderoso encanto.

Hoje a lágrima vem e vai sozinha...  
Ninguém nos olhos meus sente e advinha  
A mágoa que, em silêncio, vem e vai...

Alma de órfã, de angústias vive presa...  
Onde um consolo à interminável tristeza  
Que me ficou quando perdi meu pai?!  
(ROLIM, 1897, p. 5)

O soneto revela um eu lírico feminino inconformado com a morte da figura paterna. A lembrança dos afagos do pai e da sua voz, que traziam “alívio santo” em momentos difíceis, permeia as duas primeiras estrofes. Em seguida, os versos são tomados pela angústia advinda da perda, com a dor dominando a existência da órfã que, em desespero, pergunta onde poderia encontrar consolo para tamanha tristeza. Faz-se claro, na composição, o trabalho de contraste entre a felicidade do passado (anunciado pela palavra “outrora”, no primeiro verso da primeira estrofe) e a melancolia do presente (demarcado pela palavra “hoje” no primeiro verso da terceira estrofe), com a “saudades” do título do projeto em livro de Rolim servindo como chave de interpretação. A morte trouxe a ausência da pessoa querida e o afastamento das boas experiências já vividas, abrindo margem para o domínio da sensação de incompletude para a voz do poema. É interessante destacar o tom aparentemente confessional do poema em relação ao falecimento, no ano anterior, do pai da autora.

A relação de Zalina Rolim com as companheiras de redação de *A Mensageira* aparentava ser de grande amizade e confiança. A revista foi um dos únicos veículos impressos a receber composições inéditas da escritora que iriam ser incluídas em uma terceira coletânea em livro, na qual, segundo Dantas (1983) e Piza (2008), ela reuniria uma produção mais íntima, inspirada na perda de entes queridos, mas cujo projeto nunca foi realmente efetivado. No exemplar de número 21, lançado em 15 de agosto de 1898, Zalina Rolim publicou outro soneto sem título do *Livro da saudade*. A composição ainda versava sobre a perda de um “querido morto”, unida à nostalgia provocada pelo observar do céu (ROLIM, 1898c, p. 4). A boa parceria com o periódico ainda refletiu-se no editorial de pêsames divulgado na edição 27, de 15 de abril de em 1899, em ocasião do falecimento da mãe da colaboradora, D. Maria Cândida Amaral Gurgel.

A temática amorosa também foi explorada por Zalina Rolim na referida revista dirigida por Presciliana Duarte de Almeida. Em outro soneto sem título publicado na edição de número 9, de 15 de fevereiro de 1898, a autora trazia, com o auxílio do amor, um olhar mais calmo em relação à perda, como indicado no verso final: “Mas viver sem amor é mais que a morte” (ROLIM, 1898b, p. 4). Já no soneto “Ruélia formosa (A flor que ensina a amar)”, publicado no exemplar de número 29, datado de 15 de junho de 1899, a escritora traz outro eu-lírico feminino motivado emocionalmente por uma flor:

*Ruélia formosa (A flor que ensina a amar)*

“Ensina a amar” - disseram-me sorrindo -  
“Conserve-a junto a si, bem junto ao seio  
E assim como rebenta o claro veio  
D’água, na sombra, o amor virá surgindo”

Da flor sanguínea o rubro cálice cheio  
De estranhos filtros, veludoso e lindo,  
- Ama! Dizia em letras de ouro, e, ouvindo  
A música do amor, lenta aspirei-o...

Toda a minha alma crédula se abria,  
Presa, cativa, estática à magia  
Que os corações no mesmo sonho embala,

E agora a rubra flor misteriosa  
Como uns longínquos sons de ária saudosa  
- Eternamente aos meus ouvidos fala.  
(ROLIM, 1899b, p. 6)

As flores eram elementos comuns ao fazer literário das mulheres do século XIX (PAIXÃO, 1991), seguindo modelos já cristalizados de como deveria ser e do que trataria a sua escrita. Assim, versar sobre rosas, jasmims, magnólias ou violetas aparentemente caracterizaria um exercício de linguagem que pouco dizia “do mundo interior de suas autoras, mesmo porque era esse um território desconhecido até mesmo por elas” (PAIXÃO, 1991, p. 102). Na composição de Zalina Rolim, a flor é utilizada como metáfora para o amadurecimento amoroso da figura feminina. A descrição da ruélia de um vermelho intenso e conservada junto ao peito a faz semelhante ao próprio coração, que ensina a amar em um eterno desabrochar sentimental. A conversa do eu-lírico com a flor pode simbolizar a conversa da mulher consigo mesma, em intensa reflexão sobre o nascimento de seu sentimento. Embora envolva tal construção alegórica, trata-se de uma composição convencional que ajuda a reconstituir uma fala padronizada imposta à mulher daquele tempo.

Zalina Rolim também tratou do universo infantil nas páginas de *A Mensageira*. Mesmo não tendo filhos, a escritora sempre manifestou forte apego aos temas que envolviam a família, tendo a criança como figura basilar. Voltando sua pena aos pequenos leitores rebentos de suas leitoras, ela publicou o conto “Borboletas (Dos “Contos do Jardim da Infância””, na edição de número 17, de 15 de junho de 1898. O subtítulo informava que tal narrativa pertencia à produção literária que a autora desenvolvia junto ao Jardim da Infância de São Paulo, onde ocupava o cargo de subinspetora. A publicação de tal conto na referida revista trazia à tona um conteúdo esperado a uma publicação voltado ao público feminino.

Com uma prosa aos moldes dos tradicionais contos de fadas europeus, Zalina Rolim tratava da metamorfose que torna uma lagarta em uma borboleta. Com finalidade nitidamente pedagógica, fator esperado aos escritos oferecidos às crianças da época, ela detalha todo o processo de transformação do inseto para, ao fim, trazer o preceito moral do respeito a todos os seres vivos independente de sua aparência, em semelhança ao conto “O patinho feio” (1843), do dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875). O interessante é que Zalina Rolim, mesmo recorrendo ao “Era uma vez”, faz uma narração em primeira pessoa, colocando-se como observadora dos acontecimentos que ocorrem em seu jardim. Ela chega a incluir o sobrinho Mario Rolim Teles (1887-1980), mais conhecido pelo apelido de Sinhô, filho de sua irmã Clementina Rolim, como um personagem importante para o desenrolar da estória, por zombar da aparência da lagarta antes de ela se revelar uma borboleta (ROLIM, 1898a).

A autora ainda proporciona um vínculo mais íntimo com as crianças ao equiparar o

discurso narrativo ao seu nível de perspectiva, com um vocabulário mais simples. Tal trabalho com a linguagem também se faz presente na composição “Passarinhos (Versos para crianças)”, publicada no exemplar de número 35, datado de 15 dezembro de 1899.

*Passarinhos (Versos para crianças)*

Um gracioso casalzinho  
De modesto parecer.  
Há dias veio o seu ninho  
Nas minhas flores tecer. [...]

Tudo o parzinho açodado  
Colhe aqui, rebusca além:  
- Pio, pio, pio... olha, que achado!  
- Pio, pio, pio... procura bem! [...]

E é tão calmo e tão bonito  
O seu pequenino lar  
Que invejo ser passarito  
E lá com eles morar.  
(ROLIM, 1899a, p. 5)

O poema formado por quadrinhas de fácil assimilação certamente foi pensado para as mães leitoras reproduzirem os versos aos seus filhos. Nesse caso, entretanto, a autora foge ao trato edificante, mostrando apenas a descrição da ação de um casal de passarinhos a construir o seu ninho. Podemos associar tal abrigo ao próprio seio familiar, como metáfora de um espaço de acolhimento que oportunizava o crescimento e a apuração. Todavia, os versos simples e melódicos evidenciam uma preocupação mais próxima ao divertimento estético dos infantes, utilizando-se inclusive de onomatopeias para remeter ao som emitido pelas mencionadas aves. A composição marcou a última contribuição de Rolim para *A Mensageira*, exatamente na penúltima edição da revista, que chegaria ao fim com o número lançado em 15 de janeiro de 1900.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desdobramentos de pesquisas envolvendo as escritoras brasileiras do século XIX legitimaram a importância da imprensa como principal meio de publicação de seu trabalho intelectual. Nessa perspectiva, os periódicos não se apresentam aos pesquisadores como simples arquivos de escritos, mas como veículos que permitem compreender e reconstituir de forma mais verossímil e não-anacrônica a vida literária e os modos de apropriação da cultura escrita em determinada época (BARBOSA, 2007).

Na trajetória de Zalina Rolim no periodismo oitocentista, os veículos impressos produzidos por mulheres tiveram grande destaque. O fato de o corpo editorial de tais folhas ser formado

majoritariamente por outras escritoras, que demonstravam apoio e incentivo à autora aqui abordada, certamente corroborou para o reconhecimento de seu fazer literário, oferecendo espaço para o tratamento de determinados temas em proximidade ao público leitor feminino.

A produção de Rolim publicada exclusivamente no jornal *A Família* e na revista *A Mensageira* revela uma escritora atenta às escolhas temáticas e de elementos de atração e/ou identificação com as suas leitoras. Os seus poemas e contos reproduzem representações da mulher de seu tempo e mostram o seu interesse pelo amor, pela família, pelo cultivo das virtudes, assim como o seu apreço pela educação e pelo universo infantil. É notável também a proeminência da tristeza e da morte em seus escritos, bem como é realçada a possível tentativa de afirmação de seu fazer literário, de sua atividade criativa, ainda que seguindo certas convenções.

Os escritos de Zalina Rolim, apreciados à época de sua publicação nos periódicos, formam um patrimônio perdido que precisa ser dado à leitura no presente e valorizado, podendo, inclusive, redimensionar o lugar da referida autora na história da literatura e nos estudos das letras oitocentistas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. D. Duas palavras. In: *A Mensageira*. Ano I, n. 1, 15 out. 1897. p. 1-2.

\_\_\_\_\_. Impressões de leitura: Livro das Crianças, Zalina Rolim, 1898. In: *A Mensageira*, Ano I, n. 9, 15 fev. 1898. p. 9-11.

AZEVEDO, J. A. A família. In: *A Família*, Ano I, n. 42, 1 dez. 1888. p. 1-2

\_\_\_\_\_. Galeria especial V: Maria Zalina Rolim. In: *A Família*, 14 dez. 1889. Ano I, n. 42. p. 4.

BARBOSA, S. F. P. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BUTTONI, D. H. S. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática, 1990. v. XLI (Série Princípios).

CAMPOS, N. A. Zalina Rolim. In: *A Província de São Paulo*, Ano XV, n. 4235, 17 mai. 1889. p. 1.

CHARTIER, R. O mundo como representação. In: *Estudos Avançados*. v. 5, n. 11. Jan./Abr. 1991. p. 173-191. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601>. Acesso em: 21 jun. 2020.

DANTAS, A. A. *Zalina Rolim*. São Paulo: Pannartz, 1983.

DUARTE, C. L. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX - Dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FARIAS, V. L. C. *Machado de Assis e a imprensa do século XIX: práticas, leitores e leituras*. Jundiaí - SP: Paco Editorial, 2016.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, M. D. (Org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 443-481.

MARTINS, A. L. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*, São Paulo (1890-1922). São Paulo: USP/FAPEESP, 2008.

MUZART, Z. L. Pedantes e bas-bleus: história de uma pesquisa. In: MUZART, Z. L. (Org.). *Escritoras Brasileiras do século XIX: antologia*. Florianópolis/Santa Cruz do Sul - RS: Mulheres/Edunisc, 1999. v. I. p. 17-29.

\_\_\_\_\_. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. In: *Revista de Estudos Feministas*. v. 11, n. 1. Jan./Jun. 2003. p. 225-233. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000100013>. Acesso em: 21 jun. 2020.

PAIXÃO, S. *A fala-a-menos: a repressão do desejo na poesia feminina*: Rio de Janeiro: Numen, 1991.

PIZA, M. A. B. T. O Contexto. In: *Zalina Rolim: poetisa e educadora*. Itu - SP: Ottoni, 2008. p. 21-43.

ROLIM, Z. A avó. In: *A Família*, Ano I, n. 8., 19 jan. 1889. p. 8

\_\_\_\_\_. Borboletas (Dos “Contos do Jardim da Infância”). In: *A Mensageira*, Ano I, n. 17, 15 jun. 1898a. p. 4-6.

\_\_\_\_\_. Lágrimas benditas. In: *A Família*, Ano I, n. 5, 29 dez. 1888a. p. 6.

\_\_\_\_\_. Passarinhos (Versos para crianças). In: *A Mensageira*, Ano II, n. 35, 15 dez. 1899a. p. 5.

\_\_\_\_\_. Rosita. In: *A Família*, Ano I, n. 4, 22 dez. 1888b. p. 3-4.

\_\_\_\_\_. Ruélia formosa (A flor que ensina a amar). In: *A Mensageira*, Ano II, n. 29, 15 jun. 1899b. p. 6.

\_\_\_\_\_. Sem título. In: *A Mensageira*, Ano 1, n. 9, 15 fev. 1898b. p. 4.

\_\_\_\_\_. Sombras. In: *A Família*, Ano I, n. 3, 15 dez. 1888c. p. 5.

\_\_\_\_\_. (Do “Livro da Saudade”). In: *A Mensageira*, Ano 1, n. 21, 15 ago. 1898c. p. 4.

\_\_\_\_\_. (Do “Livro da Saudade”). In: *A Mensageira*, Ano I, n. 1, 15 out. 1897. p. 5.

SANTOS, M. C. C. O coração. In: *A Família*, Ano VI, n. 168, 4 fev. 1894. p. 2-3.

SIRINELLI, J. F. Os intelectuais. In: REMOND, R. (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003. p. 231-269.

TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, M. D. (Org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 401-442.

**Valnikson Viana de Oliveira**

---

Doutorando em Letras e bolsista CAPES no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), vinculado à área de Literatura, Teoria e Crítica, seguindo a linha de Leituras Literárias. Membro do Grupo de Pesquisa em Estágio, Ensino e Formação Docente (GEEF), compondo a linha Leitura, Literatura Infantil e Juvenil e Ensino. Desenvolve estudos com ênfase em história da literatura, periódicos brasileiros do século XIX, autoria feminina e literatura infantil. E-mail: valnikson18@hotmail.com

*Recebido em 25/09/2020.*

*Aceito em 30/10/2020.*